



A transferência, um tema quase inesgotável...

Cláudio Laks Eizirik, Porto Alegre*

O autor resume e discute criticamente os principais aspectos teóricos e clínicos desenvolvidos por Freud em A dinâmica da transferência, procurando examinar como tais aspectos podem ser lidos na atualidade, em especial de que forma as noções de transferência, resistência, relação analítica, alcances e limitações da análise podem ser vistas à luz dos desenvolvimentos posteriores da teoria e da técnica, destacando o frescor e a utilidade contemporânea do trabalho, apesar de considerar discutíveis e mesmo inadequadas algumas de suas propostas.

Descritores: Transferência. Resistência. Relação analítica.

* Membro efetivo e analista didata da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.



Li pela primeira vez *A dinâmica da transferência* em 1976, quando iniciava minha formação analítica, na tradução para o espanhol de Ballesteros y de Torres, num volume em que ainda posso verificar algumas anotações à margem e lembrar até de aspectos discutidos no seminário com o saudoso Roberto Pinto Ribeiro. Nestes 36 anos, quantas vezes terei relido este trabalho? Quantas vezes terei feito citações dele em trabalhos que escrevi? Quantos seminários terei coordenado com este texto? Impossível saber, embora as margens da edição brasileira da *Standard Edition* estejam coalhadas de anotações. Para escrever o presente texto, contudo, resolvi lançar mão da recém lançada tradução de Paulo César de Souza, publicada pela Companhia das Letras, talvez com o objetivo de tentar um contato novo com as ideias aqui contidas.

Naturalmente, desde que recebi o convite da *Revista de Psicanálise da SPPA*, vários caminhos possíveis me ocorreram para escrever este artigo, entre eles a situação do trabalho no conjunto da obra teórica e clínica de Freud, o momento histórico e as motivações que o levaram a escrevê-lo junto com os demais trabalhos sobre técnica (embora Strachey¹ acertadamente assinala que se trate mais de um exame teórico do fenômeno da transferência e da maneira como opera no tratamento analítico), as transformações e novas interpretações que autores posteriores deram a este texto – para citar apenas alguns.

Eleger um trabalho, ainda que por motivo da celebração de seu centenário, constitui-se numa escolha arbitrária, pois sabemos bem que se trata de uma série de ideias encadeadas ao longo dos anos de escrita psicanalítica do autor e que os vários trabalhos dialogam com os anteriores e posteriores e com os demais autores. Neste, por exemplo, Freud dialoga com Jung, Ferenczi, Bleuler – com cada um dos quais e com suas respectivas obras se conhece a natureza complexa e ambivalente de uma intensa relação tanto pessoal como científica.

Prefiro, no entanto, mesmo ciente de todas essas questões, verificar o que esta enésima e, num certo sentido, primeira leitura me provoca e que associações desperta e compartilhá-las com o(a) leitor(a), sob a forma de uma conversação ou diálogo. De certa forma, procuro neste texto tentar seguir algo do método de expor de Freud, através do diálogo com outros autores e com os leitores, dentro da tradição talmúdica que o influenciou; afinal, penso que esta forma de escrita em diálogo e a possibilidade de transformar os textos clássicos é uma das razões que nos mantém como uma disciplina viva e em expansão.

¹ Nota do editor inglês, James Strachey, em FREUD, S. (1912). *A dinâmica da transferência*. In: *Edição Standard Brasileira*, v. 12, Rio de Janeiro: Imago, 1969, p. 131.



A primeira coisa que me chama a atenção é a nota de rodapé da primeira página, em que Freud se defende do que considera a injusta objeção de só valorizar as impressões infantis, negligenciando os fatores inatos (constitucionais), o que atribui à “estreiteza da necessidade causal das pessoas, que, contrariamente à configuração habitual da realidade, quer se satisfazer com um único fator causador” (p. 134). Dois pontos podem ser considerados quanto a isto: de fato, como diz Freud a seguir, a psicanálise até então, e mesmo depois, tem muito pouco a dizer sobre a constituição e cada vez mais a dizer sobre as vivências infantis. Se até 1912 praticamente só ele adentrara este terreno, nas décadas seguintes Melanie Klein, Anna Freud, Margareth Mahler, Bion, Winnicott, Erik Erikson, dentre tantos outros, ampliaram o conhecimento sobre as emoções, fantasias, fatos, vivências do desenvolvimento psíquico humano. Mas, por outro lado, se Freud fosse escrever este texto hoje, não poderia deixar de destacar que nosso conhecimento sobre a constituição aumentou de maneira exponencial e a genética nos acompanha de forma contínua na avaliação da etiologia e da psicopatologia dos casos que atendemos, assim como das crianças e pessoas que observamos em vários contextos. Disto decorre o fato de que as indicações, os alcances e limitações da psicanálise ficaram mais explícitos, na medida em que nosso conhecimento atual sobre os transtornos mentais nos permite estabelecer planos terapêuticos mais realísticos e muitas vezes trabalhar de forma colaborativa com outras abordagens como as medicamentosas.

Lemos a seguir a famosa e precisa formulação sobre os clichês. Esta frase é tão bem construída, que, embora algo semelhante já tenha sido dito em 1905, no pós-escrito do caso Dora, permito-me reproduzi-la aqui, para meu renovado deleite e, espero, dos eventuais leitores deste artigo:

Isto resulta, por assim dizer, num clichê (ou vários) que no curso da vida é regularmente repetido, novamente impresso, na medida em que as circunstâncias externas e a natureza dos objetos amorosos acessíveis o permitem, e que sem dúvida não é inteiramente imutável diante de impressões recentes. (Freud, p.135).

A transferência, portanto, é repetição, mas não é só repetição. Talvez esta seja uma das questões centrais e um dos principais problemas que o conceito e sua evolução suscitam. Mais recentemente, procurando considerar as principais contribuições ao conceito, com isto incluindo desenvolvimentos de diferentes pensadores psicanalíticos, escrevi com Robert Tyson (Tyson; Eizirik, 2005) um trabalho em que destacamos que há várias maneiras de descrever a forma da



transferência, criando-se, assim, uma classificação algo arbitrária, com o objetivo de ordenar os dados clínicos e monitorar seu desenvolvimento ao longo da análise, desde logo deixando claro que essas formas não raro se apresentam de maneira combinada ou superposta, dada a complexidade do fenômeno.

Assim, verificamos a possibilidade da existência de cinco formas: formas habituais de relacionamento, transferência predominantemente de relacionamentos recentes, transferência predominantemente de experiência passadas revividas, neurose de transferência e representação de fantasias inconscientes. Levemos em conta a frase citada antes, com sua concisa definição, e o que Freud destaca a seguir, ou seja, que há uma parte dos impulsos que determinam a vida amorosa que perfaz o desenvolvimento psíquico e é dirigida para a realidade, ficando à disposição da personalidade consciente, e outra que fica detida em seu desenvolvimento e permanece inconsciente, e mais ainda esta pequena pérola: “Aquele cuja necessidade de amor não é plenamente satisfeita pela realidade se voltará para toda pessoa nova com expectativas libidinais” (1905, p. 135).

Os autores que examinaram o fenômeno, e que continuam fazendo-o, parecem debater-se entre esses dois aspectos da questão: a transferência é sempre e necessariamente repetição, ou pode ser repetição e algo novo? Ou pode ser apenas algo novo? Ou, dito de outra maneira, algo novo, inesperado e surpreendente pode surgir no curso da análise, ou mesmo ao longo do ciclo vital, ou estaremos destinados a repetir compulsiva e compulsoriamente os mesmos e eternos clichês? Em alguns trabalhos recentes, em especial estimulado pela noção de campo analítico, dos Baranger (1961), por fatos observados em minha experiência clínica e por um interesse especial pela visão de Heráclito, o obscuro, pois destacava que tudo o que há no mundo é uno e ao mesmo tempo estabelecia que ninguém se banha duas vezes no mesmo rio, tenho sugerido que há espaço para o novo, o inesperado e algo criado de forma única por cada dupla analítica, que não seja necessariamente repetição (Eizirik, 2010).

Ora, na definição de Freud, em seu centenário trabalho, há espaço para as duas coisas: repetição e criação, ou, como sugere a FEPAL, como tema oficial de seu próximo *Congresso latino-americano de psicanálise*, tradição e invenção. Em suas palavras: “e que sem dúvida não é inteiramente imutável diante de impressões recentes” (Freud, 1912c, p. 135).

Neste ponto, um interlocutor imaginário poderia objetar: mas qual a necessidade de buscar a aprovação de Freud para um determinado ponto de vista? Por que não considerar simplesmente que algo de novo surgiu, sem essa espécie de leitura reverencial, canônica? Não se trata de uma leitura reverencial, nem canônica, prezado interlocutor, trata-se simplesmente de reconhecer a argúcia de



Freud neste ponto, pois mesmo há cem anos, mesmo sem a massa de experiência clínica de um século e de milhares de horas analíticas, nosso autor captou o que hoje estamos com mais condições de afirmar; afinal, é por esta e por outras que celebramos este e outros de seus trabalhos.

Voltemos à leitura do trabalho e consideremos “[...] dois pontos de especial interesse para o analista” (p. 136), sem antes sublinhar a importância das imagens paterna, materna, fraterna, etc, e o fato de que “[...] o investimento libidinal de uma pessoa em parte insatisfeita, mantido esperançosamente em prontidão, também se volta para a pessoa do médico” (p. 136).

Quais são esses dois pontos? O primeiro é o aparente fato de que a transferência seria maior nos neuróticos em análise e o segundo a questão de que a transferência aparece como resistência, o que seria uma espécie de enigma, pois é ao mesmo tempo um veículo da cura. Um dado de minha experiência clínica, relativamente longa, é que incontáveis vezes me lembro desta passagem de Freud quando surge um silêncio na sessão, ou, como diz ele, quando as associações livres cessam e invariavelmente uma interpretação acerca do momento que está sendo vivido no campo analítico retoma o fluxo de comunicações do paciente.

Sobre o primeiro ponto, alguns puristas dirão que se deve reservar a palavra transferência para o que ocorre apenas na análise; isto, para mim, é o mesmo que as classificações psiquiátricas atuais, que tentam retirar diagnósticos clássicos, ou inventar novos nomes supostamente baseados em evidências; bane-se o termo histeria, mas as e os históricos continuam frequentando nossos consultórios e pululando e esvoaçando pelo mundo; Freud se refere ao que acontece nas instituições, em que “observam-se as maiores intensidades e as mais indignas formas de uma transferência que beira a servidão, e também o seu inequívoco matiz erótico” (p. 137). Em suma, a transferência existe sempre, e em todos os espaços em que se dá alguma forma de relação humana, seja ela terapêutica ou não. Dificilmente algum analista não trabalha ou pelo menos trabalhou em algum momento em alguma instituição de ensino ou assistência, e creio ser esta uma observação corriqueira; o mais preocupante é o contrário, sua negação, ou negligência, e uma das tarefas dos que ensinam psicanálise ou suas noções é justamente capacitar quem trabalha com pacientes de qualquer natureza a estar atento à presença pervasiva da transferência em suas diversas formas.

Freud cita uma escritora, Gabriele Reuter, que, num livro intitulado *De boa família*² (1895), teria deixado transparecer as melhores percepções da natureza e da origem das neuroses. Gabriele Reuter foi uma escritora alemã, que viveu de

² Tradução do autor.



1859 a 1941 e que teve grande sucesso em seu tempo, com inúmeros livros, contos e histórias infantis, mas cujo maior sucesso foi *De boa família*, em que descreve, com fina captação psicológica, a vida de uma jovem, levando Thomas Mann a elogiá-la e alguns críticos a considerar o livro a contraparte feminina de *Sofrimentos do jovem Werther* de Goethe; era considerada a poeta da alma feminina, tendo sido em anos posteriores citada por escritoras feministas, embora atualmente esteja praticamente esquecida. Além de fazer este registro, o que me parece também relevante é o fato de que Freud mais uma vez revela como se mantinha atento ao mundo da cultura, e não deixa de reconhecer e destacar contribuições provenientes dos diversos âmbitos dela. Este não é o lugar para discutir em mais profundidade a chamada psicanálise aplicada; mas gostaria de deixar clara minha posição de que tal expressão talvez não mais se justifique, pois vejo a psicanálise também como uma forma de pensar a cultura, e isto não é mais aplicado do que usar o instrumento psicanalítico na clínica, ou na teoria.

Passemos então ao segundo ponto: a questão da transferência como resistência. Freud mostra uma sucessão de passos: a introversão da libido, diminuindo sua capacidade de contato com a realidade e aumentando sua porção inconsciente, o uso da regressão e a reanimação das imagens infantis, a posição do analista de ir ao seu encontro, procurando torná-la de novo acessível à consciência, o encontro da análise com a libido “recolhida em seus esconderijos” (p.139) e a irrupção de uma luta, em que as forças que causaram a regressão se erguem como resistências à análise, visando a manter o *status quo* neurótico. Fica claro que há duas origens das resistências: a frustração da satisfação e, a mais forte, o fato de a libido estar sempre sujeita à atração dos complexos inconscientes, o que também terá que ser superado pelo tratamento. Se seguirmos o caminho de um complexo patogênico, chegaremos à região onde a resistência domina tão vigorosamente, que a associação seguinte fará com que surja a transferência. Ou seja, e este será um fenômeno que se repetirá ao longo da análise, sempre que chegamos perto de um complexo patogênico, a porção desse complexo capaz de transferência será empurrada para a consciência e defendida com grande tenacidade.

É neste ponto que encontramos uma nota de rodapé de enorme importância na página 140. Freud sempre usou muitas analogias bélicas ao longo de sua obra. Aqui não é diferente, mas tem um toque particular de alerta e uma atualidade que não pode nos escapar de vista. Diz ele que, na luta por uma pequena igreja ou uma propriedade, no curso de uma batalha, o empenho dos soldados não garante que a igreja seja um santuário nacional, nem que a casa abrigue um tesouro do exército, pois o valor dos objetos pode ser puramente tático e existir apenas nesta batalha. Ou seja, nem sempre o elemento escolhido para a resistência transferencial



tem uma especial importância patogênica. Em outras palavras, podemos aqui ter uma versão psicanalítica da tática do quero-quero, que canta longe do ninho para despistar o predador de atacar suas crias, ou um alerta para a importância da *capacidade negativa* de Keats (1952) citada por Bion (1991): nem sempre o aparente tem significado, e é preciso paciência e capacidade de esperar até que uma situação se elucide.

A seguir, encontramos no trabalho outra ideia bastante relevante para uma das discussões atuais sobre psicanálise. Quanto mais tempo dura uma análise, diz Freud (1912c), e quanto mais o paciente puder reconhecer que distorções do material patogênico não o protegem de ser revelado, mais ele usará o tipo de distorção que lhe traz mais vantagens, a transferencial. E isto levará a que, por fim, todos os conflitos tenham que ser decididos na esfera da transferência. “O que tem isto de atual?” perguntará o interlocutor crítico. Justamente uma das controvérsias que rodeiam a psicanálise é sua longa duração, se comparada a outros métodos, ou ainda se compararmos diferentes culturas psicanalíticas, ou ainda se pensarmos em pessoas que querem se analisar, ou pelo menos imaginam ser esta sua motivação maior, apenas para se tornarem analistas, o mais rapidamente que seja possível. Esta ideia, a necessidade de tempo para trabalhar com a transferência como elemento central da análise (embora se saiba que as análises de Freud e seu tempo fossem muito mais curtas que as atuais), traz um importante argumento para que se entenda que apenas um longo trabalho com a resistência e com a transferência permitirá o aflorar dos conflitos, fantasias e o cortejo de manifestações inconscientes que constroem os fundamentos do sofrimento psíquico.

Mais adiante, Freud destaca que fazer confissões sobre o que sente o paciente pela pessoa do analista para o próprio pode criar “situações que parecem quase inviáveis no mundo real” (p. 141), o que faz parte da experiência clínica de qualquer analista com um certo período de prática. Mas essa observação também pode nos fazer pensar quão problemático é o relato de um aspecto de uma sessão tirado do contexto, ou comentários jocosos sobre algo que o analista teria dito, em rodas sociais. Afora a evidente natureza defensiva e de atuação, o que se evidencia é que uma sessão e um processo analítico se constituem numa peça de trabalho conjunto cuja coerência interna e validade ficam desprovidos de sentido sem que se considere sua complexidade e unidade. Heráclito de novo nos socorreria aqui: é algo único, mas em permanente movimento.

Freud classifica a transferência em positiva e negativa, o que é bastante conhecido, e destaca que é esta que se presta particularmente à resistência. Embora inclua apenas as manifestações agressivas na negativa, é evidente que a



transferência erótica é um poderoso fenômeno resistencial. Há aqui uma questão que tem provocado certa controvérsia: em que medida seria adequado usar esses qualificativos, positivo e negativo, para descrever aspectos de um mesmo fenômeno? Não seria esta uma manifestação maniqueísta, um juízo de valor, um desconhecimento de que ambos são fenômenos que têm uma origem comum? Pois afinal, como afirma Freud, “Originalmente só conhecemos objetos sexuais: a psicanálise nos faz ver que as pessoas que em nossa vida são apenas estimadas ou respeitadas podem ainda ser objetos sexuais para o inconsciente dentro de nós” (p. 143).

Penso que é mais adequado descrever como é a transferência, com adjetivos ou mesmo descrevendo as emoções presentes no campo analítico, do que usar esta divisão em positiva e negativa. Sendo mais claro e mais radical (e talvez finalmente satisfazendo meu imaginário interlocutor crítico), não considero que qualquer expressão transferencial seja positiva ou negativa e, sim, que todas são positivas no sentido de que comunicam algo relevante para aquele momento e que, mesmo nas situações de baluartes, impasses, reações terapêuticas negativas, estamos face a algo que o paciente está nos dizendo sobre o que nós dois estamos construindo ou não conseguindo construir em nosso trabalho conjunto.

Depois de mais uma vez se referir às instituições e destacar como também nelas a transferência se mostra muito presente, em especial a chamada negativa e a erótica (aliás, algo que hoje observamos muito claramente nos tratamentos de pacientes fronteirios), Freud refere a importância do conceito de ambivalência, proposto por Bleuler, dizendo que é ela que melhor explica a capacidade dos neuróticos de porem suas transferências a serviço das resistências: “Quando a capacidade de transferência torna-se essencialmente negativa, como nos paranóicos, acaba a possibilidade de influência e cura” (p. 145).

Em algumas latitudes teóricas atuais, lê-se ou se ouve uma certa crença mística em que não há pacientes não analisáveis, há duplas que não funcionam, ou analistas que não conseguem estabelecer uma relação que funcione. É verdade que isto acontece, mas a afirmativa de Freud me parece mais de acordo com a realidade dos fatos da clínica do que com uma posição algo messiânica ou irresponsável, que tem dificuldades em aceitar alcances, limitações, melhores ou piores indicações ou as existentes contra-indicações para análise. Seria o caso de que o que cai na rede é peixe. Infelizmente, para o paciente, sua família e o crédito do método analítico, nem sempre é.

“Na busca da libido que se extraviou do consciente penetramos no âmbito do inconsciente” (p. 145). E aí encontramos as características do processo primário. Neste ponto, próximo ao final do artigo, Freud nos lembra que há uma semelhança





entre os sonhos e o que ocorre no curso da neurose e da análise. O paciente, traduz Souza, “quer dar corpo a suas paixões, sem considerar a situação real” (p. 146) (“procura colocar suas paixões em ação sem levar em conta a situação real” (1912b), conforme a Standard brasileira). Este é um trecho particularmente importante, que, de acordo com nosso tradutor, foi vertido de diferentes maneiras: dar alimento, *actuar*, *mettre en actes*, *put into action*, a partir do alemão *Agieren*.

Esta será a luta principal que ocorrerá no campo da transferência, entre o desejo do analista (“o médico quer levá-lo a inserir esses impulsos afetivos [...]”, p. 146) e a vontade do paciente de *Agieren*, atuar, agir, passar ao ato; e, se tudo correr bem, neste campo será conquistada a vitória, “cuja expressão é a permanente cura da neurose” (loc. cit.). Para um homem objetivo como Freud, esta formulação soa com demasiada ingenuidade, mas lembremos que se trata de 1912, um período em que o método necessitava ser defendido com vigor, face à descrença interna, cisões e talvez suas próprias dúvidas sobre a cura analítica; isto não estaria mais presente em 1937, em *Análise terminável e interminável*, quando Freud já tinha uma visão mais realista dos alcances e das limitações do método analítico. De qualquer forma, é uma descrição de um campo de luta, de um combate sem tréguas e de como a transferência ocupa um papel central no método analítico.

O último parágrafo é uma síntese do que foi proposto e discutido, terminando com a famosa frase “pois afinal é impossível liquidar (destruir) alguém *in absentia* ou *in effigie*”, ou seja, se não analisarmos a transferência e suas protéicas expressões, não poderemos chegar a um bom resultado terapêutico.

Já fui mais entusiasmado com essa formulação em outros tempos; hoje ela me soa meio brutal, bélica demais; por que comparar a análise da transferência, tão relevante, com o fato de destruir alguém? Entendo que Freud pode se referir à destruição da neurose, mas de novo temos uma analogia bélica como em tantos outros momentos de sua obra. Outra possibilidade, contudo, é que Freud tenha tido que ser bastante bélico³ para ser ouvido, além de ter acompanhado as agruras de uma grande guerra, em que dois de seus filhos estiveram no exército. Penso, contudo, que esta forma de enunciar já não se sustenta com os desenvolvimentos posteriores da psicanálise, em especial no que se refere à análise da transferência nos diferentes modelos clínicos de que hoje dispomos; se, durante muitos anos, a análise sistemática da transferência foi fortemente defendida por Merton Gill e característica da clínica kleiniana, nos últimos tempos tanto os desenvolvimentos bionianos, como os demais pós-kleinianos, como a psicanálise francesa, como as várias expressões do campo analítico e da intersubjetividade, destacam que o

³ Agradeço as valiosas sugestões da Dra. Eneida Iankilevich.



principal trabalho do analista consiste em observar a relação com o paciente, descrever o que se passa no campo analítico e desenvolver um trabalho interpretativo amplo, em que elementos transferenciais, da realidade atual e do passado, coexistem. Só para dar um exemplo, as chamadas interpretações da transferência negativa, tão prevalentes nas décadas de 60 e 70 nos trabalhos apresentados na SPPA, se reduziram e foram sendo substituídas por um maior equilíbrio entre negativa e positiva e maior presença de perguntas e outras intervenções nas décadas de 80 e 90 (Eizirik *et al.*, 1999).

Para encerrar este artigo, depois das várias associações que me despertou ao longo de sua leitura, além do renovado prazer de percorrer de novo as sempre estimulantes páginas freudianas, fico com a sensação de que, por suas várias ideias fecundas e por descrever com cores vívidas a dinâmica dos movimentos da dupla analítica, oferecendo além disso uma série de sugestões, alertas, possíveis caminhos que foram sendo explorados nas décadas seguintes, continua sendo uma leitura indispensável para todo analista e justifica amplamente que se celebre seu centenário.

Mais do que tudo, talvez, *A dinâmica da transferência* se mantém como um belo convite a que continuemos a reler Freud, não de forma exegetica, mas como um corpo vivo de conhecimento, esperançosamente à espera de leitores que continuem a transformá-lo e manter aberto o diálogo interminável que é um dos fascínios de nossa disciplina. □

Abstract

Transference, an almost endless issue...

The author summarizes and critically discusses the main theoretical and clinical aspects described by Freud in *The dynamics of transference*, trying to examine how such aspects may be currently understood, specially how the notions of transference, resistance, analytic relation, outreaches and limitations of analysis may be seen under the light of the posterior developments of the theory and of the technique, emphasizing the current freshness and utility of the work, although he considers debatable and even inadequate some of the proposals.

Keywords: Transference. Resistance. Analytic relation.



Resumen

La transferencia, un tema casi inagotable...

El autor resume y discute críticamente los principales aspectos teóricos y clínicos desarrollados por Freud en *La dinámica de la transferencia*, buscando examinar cómo pueden leerse tales aspectos en la actualidad, en especial de qué forma las nociones de transferencia, resistencia, relación analítica, alcances y limitaciones del análisis se pueden ver a la luz de los desarrollos posteriores de la teoría y de la técnica, destacando el frescor y la utilidad contemporánea del trabajo, a pesar de considerar discutibles y hasta inadecuadas algunas de sus propuestas.

Palabras llave: Transferencia. Resistencia. Relación analítica.

Referências

- BARANGER, M; BARANGER, W. (1961). *Problemas del campo psicoanalítico*. Buenos Aires: Kargieman, 1969.
- BION, W. R. (1991). *Atenção e interpretação: uma aproximação científica à compreensão interna na psicanálise e nos grupos*. Rio de Janeiro: Imago.
- EIZIRIK, C. L.; LUZ, A. B.; KEIDANN, C. E.; IANKILEVICH, E.; DAL ZOT, J. (1999). Algumas modificações na prática analítica da SPPA. *Revista de Psicanálise da SPPA*. v. 6, n. 2, p. 205-19.
- EIZIRIK, C. L. (2010). The analytic field and the life cycle. In: *Asian Psychoanalytic Conference of IPA, I. Freud and Asia. Evolution and change: psychoanalysis in the Asian context*. Out/2010, Beijing.
- FREUD, S. (1905). Fragmento da análise de um caso de histeria. In: *Edição Standard Brasileira*, v. 7. Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- _____. (1912a). La dinámica de la transferencia. In: *Obras Completas*, v. 2. Madrid: Biblioteca Nueva, 1948.
- _____. (1912b). A dinâmica da transferência. In: *Edição standard brasileira de obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 12. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- _____. (1912c). A dinâmica da transferência. In: *Obras Completas*. v. 10. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- _____. (1937). Análise terminável e interminável. In: *Edição standard brasileira de obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 23. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- GOETHE, J. W. Von. (1774). *Sofrimentos do jovem Werther*. São Paulo: Martin Claret, 2002. p. 128.
- POL-DROIT, R. (2010). Vivre aujourd'hui. In: *Écouter la vérité (Héraclite et Démocrite)*. Paris: Odile Jacob.
- REUTER, G. (1895). *Aus guter Familie. Leidensgeschichte eines Mädchens*. Berlin: S. Fischer, 1906. p. 380.



Cláudio Laks Eizirik

TYSON, R.; EIZIRIK, C. L. (2005). Transferência. In: EIZIRIK, C. L., AGUIAR, R. W.; SCHESTATSKI, S. S. *Psicoterapia de orientação analítica*. Porto Alegre: Imago.

Recebido em 15/05/2012

Aceito em 24/05/2012

Revisão técnica de **Suzana Deppermann Fortes**

Cláudio Laks Eizirik

Rua Marquês do Pombal, 783/307

90540-001 – Porto Alegre – RS – Brasil

e-mail: ceizirik.ez@terra.com.br

© Revista de Psicanálise – SPPA